

PREÇO

1

ESCUDO



3/8/986

SHIRLEY
TEMPLE

CINE-JORNAL



Claire Trevor chega o Hollywood, de regresso de férias



Dixie Dunbar, na sua piscina



Frank Lowton é de opinião de que não é agradável levantar-se às 6 horas para filmar



Freddie Bartholomew e Mary Corliss tomam uma lição de dança com Dane Gould

A vida dos artistas americanos através das suas memórias

SAO as memórias o género literário que mais aprecio. A razão é simples: de texto a ficção e nada me proporciona maior prazer espiritual do que os factos vividos e a lição que deles se extrai. Quer de Napoleão ou de Foch, de Saint-Simon ou dos Goncourt, as memórias constituem documentos de extraordinário interesse, cuja leitura nos permite avaliar dos usos e costumes da época que os seus autores descrevem, dos seus gostos, da sua política e do seu valor intelectual ou guerreiro.

As memórias desvendam ainda o carácter e o modo de ser de quem as redigiu, a maneira benévola ou agreste como trata os seus contemporâneos, e — quantas vezes! — destrói ídolos de pés de barro, patenteando-nos as suas intrigas, fraquezas e defeitos.

Todavia, nem sempre o memorialista é justo. Basta que nos lembremos das queixas de Alphonse Daudet contra Tourgenieff, cujas memórias tratavam, aliás sem razão, da forma mais confutante, o contista admirável das «Cartas do meu moinho».

Na literatura portuguesa, os memorialistas não abundam, e, dos poucos que temos tido, alguns, bastas desilusões nos trouxeram, e certo, acerca dos que com eles convivemos...

*
* *

Respeitadas as devidas proporções, os artistas de cinema também cultivam o referido género literário. Nas horas de calma, nos raros e mercedos minutos que o estúdio lhes concede, alguns registam, dia a dia, com fidelidade, os passos que deram, os trabalhos que executaram e as suas reacções psicológicas e sentimentais.

Fred MacMurray, Bing Crosby, Eleonore Whitney, e tantos outros, conseguem dar-nos através de algumas linhas de extraordinária simplicidade, uma ideia do seu viver, da pesada tarefa que sobre eles pesa.

Assim, eis um «Domingo» de Fred MacMurray: «Levantei-me às 6 e 30, para jogar o «tennis» com Dean Jagger. Há um «court» perto de casa, o que me dá vontade de jamais o abandonar. Dean ganhou a partida. Almocei com a mamã, Dean e a mulher. Passámos de automóvel pela margem do Pacífico, e fomos jantar ao restaurante Levy. Um salto até ao cinema, para ver «A noiva volta ao lar», e, às 10 horas, regresso para estudar o papel para amanhã. Carole Lombard encoraja-me imenso, e diz-me que tenho esplêndida voz. São 11 e 45. Vou apagar a luz».

Agora, uma «Sexta-feira» de Bing Crosby: «As 5 horas, o maldito despertador acordou-me. O «golf» espera-me, As 7 e 30, almoço no Clube, e, às 8, entrei no estúdio. Norman Taurog correu para mim muito excitado, e invectivou-me pela demora. Opina que será útil ator-me uma corda ao pescoço, manciça de me ter sempre à mão de semear. Principio a trabalhar. À tarde vou, num pulo, às corridas apostar em «Tupero», o meu cavalo favorito. Emissão rádio às 17. As 20 saio e visito a família. São 22 horas. Vou deitar-me».

Por último, a encantadora Eleonore Whitney descreve-nos um dos seus «Sábados»: «O sábado é um dia como outro qualquer em Hollywood. Há sempre trabalho. Tentei escapar-me hoje, alegando doença, mas o médico auscultou-me com cuidado e demora enervantes, e declarou que não era nada. É claro que não era... Assim, ensinei toda a tarde o «swing-along», dança que agora inventaram para mim. As 19, jantei com a mãe. Tive que cozinhar, pois a criada foi-se embora, alegando aborrecimento. Queria que eu estivesse mais tempo em casa. O meu horário transformava-se. Olho para as minhas mãos e começo a tremer. Amanhã porei um aminho. Tragédias de dona de casa... O sono principia a incomodar-me. Boa noite».

OPERADOR N.º 13.

O célebre questionário de Murnau

Como se sabe, Murnau, o célebre realizador germânico, de *Aurora* e *O último dos Homens*, quando pretendia escolher intérpretes, submetia-lhes um questionário, para que o apreciassem e... respondessem. Desta forma, julgava a rapidez das suas reacções e o seu poder de imaginação. Ora foram vários os questionários que a Imprensa deu a lume, como sendo o «auténtico», o «insofismável», do grande realizador alemão. No entanto, o que vamos dar a seguir é que parece pôr ponto final nas discrepâncias que se notavam em todos os outros. A menos, que Murnau, de vez em quando, fizesse outras perguntas — o que também se nos afigura lógico e natural.

São 10 as perguntas do questionário tipo:

- 1.º — Dê dois sinónimos de *emoção*.
- 2.º — Se a sua face não estiver no campo da objectiva, como seria capaz de exprimir, com o resto do corpo, o medo, a alegria, e a ansiedade?
- 3.º — O monóculo usa-se no olho esquerdo ou direito?
- 4.º — Qual foi o último livro que leu?
- 5.º — Descreva-me a mulher fatal, em traje de passeio.
- 6.º — Qual é o «truque» de «maquillage» que dá aos clowns o seu perpétuo sorriso?
- 7.º — Qual é, na sua opinião, a qualidade mais importante que julga ter, para triunfar na tela?
- 8.º — Que diferença há entre *temperamento* e *carácter*?
- 9.º — Para que servem os *gros-plans*?
- 10.º — Qual é a figura que mais gostava de encarnar na tela? E porquê?

Murnau considerava infalível este questionário, para a escolha de candidatos, de físico aceitável.

NOVOS FILMES

O novo filme de Francisca Gaal intitula-se *Mademoiselle Lili*. Os exteriores desta produção estão sendo filmados actualmente na Riviera.

— A grande cantora Erna Sack principiou há dias a filmar *Blumen aus Nizza* (Flor do Niza), nova produção do consagrado realizador Augusto Genina.

— *Auté-Maria*, célebre filme com o grande tenor Gigli e a adorável Kate von Nagy, acabou de ser filmado, devendo ser estreado dentro de quinze dias em Viena.

— O conhecido actor e realizador Willy Forst está trabalhando no seu novo filme *Teatro Imperial*.

— No passado dia 19, foi apresentado, pela primeira vez, em sessão particular, em Viena de Austria, o novo filme *Rovensky-Mania*, com Olga Tschekowa, incontestavelmente superior a *Mascarada*, segundo opinião dos críticos que assistiram a essa exibição.

NOTÍCIAS DE KIEPURA

O novo filme do famoso tenor Jean Kiepora, «*A Canção do Sol*» estreou-se, há dias, em Berlim, com um êxito tão grande por parte do público e da crítica que logo foi considerado um dos melhores filmes de Kiepora. Neste filme, o notável tenor canta primorosamente alguns trechos de *Turandot* e *Bohème*.

Jean Kiepora acaba de ser contratado para um novo filme, que deve estar concluído em fins de Outubro.

Henry Ford, produtor de filmes

O mais poderoso industrial de automóveis do mundo inteiro, Henry Ford, anuncia a sua intenção de realizar uma série de filmes sobre os automóveis. Para esse efeito, construir-se-ão, em Detroit, grandes estúdios.



Solly Eilers apresenta um troço de noite

Jean Hersholt lê o «Cine-Jornal»

Na nossa segunda capa, publicamos uma foto sensacional! Depois de Ann Loring, Betty Furness, Jean Chatterburn e Freddie Bartholomew, Jean Hersholt, o primoroso artista de composição que temos visto em tantos filmes, como «Os Homens da Blusa Branca», «O Crime na Armada», etc., envia-nos o seu retrato, lendo a nossa revista. Esta distinção por parte dos artistas americanos — facto pela primeira vez registado nos anais da Imprensa Cinematográfica Nacional — prova bem o conceito em que os mesmos têm a nossa revista, conceito esse que nos desvanece sobremaneira.

«Cine-Jornal», desta forma, continua a marcar em todos os campos e de todas as formas, como uma revista portuguesa que foge aos moldes rotineiros, e que se soube, dum golpe, impôr-se e «europeizar-se»!

Filmes doutros tempos a reeditar...

A «20th Century-Fox» vai reeditar *A Hora Suprema*, que foi realizado em 1927, com Janet Gaynor e Charles Farrell (nos protagonistas). Será agora desempenhado por Simone Simon e Don Ameche.

A Metro vai reeditar também *La Fin de Mrs. Cheney*, que teve Norma Shearer como principal intérprete. Na nova versão, William Powell e Myrna Loy serão as vedetas.

S. S. PIO XI QUERE MORALIZAR O CINEMA

S. S. Pio XI interessa-se muito pelo cinema. No Vaticano, tem um cinema privado. Posou inúmeras vezes para as «Actualidades». E, no discurso que pronunciou, ante os jornalistas, no decurso do recente Congresso da Federação da Imprensa, que se realizou em Roma, teve ensejo de demonstrar o seu interesse pelo cinema.

O Sumo Pontífice acaba de dirigir ao Episcopado dos Estados Unidos, uma encíclica, intitulada «Vigilanti cura», que diz respeito à moralização dos filmes. Nessa carta, o Santo Padre agradece aos bispos e fiéis dos Estados Unidos os bons resultados obtidos pela Liga da Decência, que fundaram, e convida os fiéis do mundo inteiro a imitá-los.

Ante o êxito desta Liga, o Papa pede a sua extensão mundial, e a criação, em todos os países, dum Departamento Nacional do Cinema. Este organismo seria directamente dependente dos bispos, deveria fomentar a produção de bons filmes, classificar os outros e dar conta do seu julgamento aos padres e aos fiéis.

«É preciso que o povo saiba bem quais são os filmes que todos podem ver, quais são os que podem ser vistos com reservas, e ainda quais são os prejudiciais e os positivamente maus. Isto exige a publicação regular

e frequente de listas de filmes classificados, ao alcance de toda a gente, por meio de boletins especiais e outras publicações oportunas, e bem assim por meio da Imprensa católica quotidiana».

«O ideal seria estabelecer uma lista única para o mundo inteiro, porque a lei moral é a mesma, para todos».

«No entanto, como os usos, as circunstâncias e as formas são diferentes, de país para país, talvez seja mais prático que cada nação elabore a sua própria lista».

S. Santidade reconhece, além disso, o facto da Indústria Cinematográfica Americana se ter resolvido, de *motu proprio*, a ocupar do problema, e, sem citar, explicitamente, referir-se ao Código da Moral do Cinema Americano, estabelecido, graças aos esforços da Organização Hays e do director do jornal americano *Motion Picture Herald*, Martin Quigley.

Pierre Austré, na *Cinematographie Française*, critica, com flagrante simpatia, a encíclica papal, e faz esforços porque a moralização do cinema francês, não se faça esperar, para ver se a Província, que tão arrebatada anda, volta aos cinemas como dantes.



Duos novas beldades do Cinelândia, no ceno dos bolões de *O Grande Ziegfeld*

As «carpetas das vedetas»

Um fabricante de tapeçarias teve uma ideia engenhosa, digna de lhe garantir a entrada, num asilo de alienados. Obteve dos estúdios americanos, licença para usar as figuras e as caras das respectivas vedetas, como motivo ornamental. Assim, amanhã, limparemos os pés à face de Greta Garbo, estampada no capacho, e descansaremos os pés doloridos por um dia inteiro de passeio, na bôca tentadora de Jean Harlow. Deixem errar a fantasia, por favor...

Televisão e cinema

A televisão prossegue, no seu avanço...

Todas as semanas, os postos de T. S. F., recorrem às vedetas do palco, do «music-hall» e da tela, que, devidamente caracterizadas, aparecem, a raras ocasiões, num «écran» de alguns centímetros quadrados.

Não dia que, por certo, não vem longe, os filmes virão ter connosco, a casa...

Sabem qual foi a primeira vedeta de cinema, televisada, por meio do filme?... Vilma Banky, a célebre vedeta de *Águia Negra*, por intermédio de alguns metros de filme, transmitidos de Nova York a Chicago, em 1928.

«Luzes da Cidade», por Anibal Nazare

Foi pôsto à venda *Luzes da Cidade*, um interessantíssimo livro de crónicas, da autoria do nosso prezado camarada de redacção Anibal Nazare. Ferreira de Castro, no prefácio, faz o justíssimo elogio da obra e do autor, que, no jornalismo e no teatro, tem afirmado, bastas vezes, a multiplicidade do seu talento.

Luzes da Cidade é o livro ideal para levar para férias. São crónicas singelas, contadas com leveza e graciosidade, leitura que não cansa e que se lê dum só loge. A edição, da Livraria João Romano Torres, cuidada.

Marlene Dietrich está em Londres

Marlene Dietrich encontra-se em Londres, contratada pela «London-Film», para interpretar *Knight Without Armor*, sob a direcção de Alexandre Korda. No começo do Outono, Marlene voltará à América, visto ter assinado um novo contrato com a «Paramount». O primeiro filme que interpretará nos U. S. A., intitula-se *Angel* (Anjo), e será dirigido por Ernst Lubitsch.

Os dez mandamentos de Mary Pickford

Mary Pickford é, como se sabe, uma das «clássicas» do cinema. Na sua qualidade de decana, ou quasi decana, Mary Pickford é assediada diariamente por dezenas de raparigas, que lhe perguntam o que é preciso fazer para triunfar na tela. Cansada de responder, milhares de vezes, à mesma pergunta, Mary Pickford estabeleceu dez mandamentos, um decálogo a observar por todas as jovens que aspiram a vedetas da tela:

I — Nunca chegarás a ser vedeta de cinema, se não conseguires assegurar a tua existência material, por meio d'outra profissão. Um bom conselho: aprende stenografia, dactilografia e commercio. Desde que estejas apta a vender gravatas e sabonetes, as tuas probabilidades de vencer na tela serão maiores.

II — Nunca chegarás a vedeta da tela sem que tenhas fortuna para viver um ano sem cuidados e com luxo.

III — Procurarás, acima de tudo, e com a maior imparcialidade, avaliar as tuas qualidades dramáticas.

IV — Procurarás obter, se for possível, um contrato para o teatro da Cidade, onde calcas que vai correr, pela primeira vez, um filme teu. No caso dos teus esforços serem impropicuos, vai-te treinando num palco de amadores.

V — Aproveitarás a experiência se trabalhares num bom teatro ou em «tournées» pela Província.

VI — Nunca te apresentes num estúdio sem um grande maço de tocos, debaixo do braço. Talvez uma das tuas fotos corresponda à ideia da personagem que o realizador concebeu. É a porta aberta...

VII — Convence-te de que nunca triunfarás se não tiveres um guarda-roupa modernissimo e de elegância ultra-apurada. Só te tomarão a sério, no dia em que puderes mudar de fato a toda a hora.

VIII — Antes de abandonar a tua profissão actual, procura registar nalguns metros de filme a tua imagem. Dirige-te, para esse eleito, a um dos *cameramen* de actualidades, que trabalham em todas as grandes cidades. No caso dum insucesso, renuncia, sem hesitar, à carreira que te propões. Evitarás muitas arrelias e muitos prejuizos.

IX — Sé sempre natural ante a câmara.

X — Enfim, nunca te esqueças de que uma artista de cinema não marca, desde que não actue, sem prejuizo do talento, com toda a energia e a máxima consciencia.

Charles Boyer interpretará, em França...

Como se disse, Charles Boyer, este ano, interpretará, apenas, um filme em França, segundo um argumento original de Henry Bernstein. Maurice Lehman será o realizador.

Depois da «Dama das Camélias»...

Greta Garbo interpretará, depois da *Dama das Camélias*, um novo filme, *Beloved*, extrai do romance *Maria Walewska*, de Gasiorowski, e que historia os amores da célebre condessa polaca com Napoleão I. Charles Boyer tem a cargo este último papel.

O 63.º filme de Cecil B. de Mille

Jean Arthur e Gary Cooper, que appareceram juntos em *Mrs. Deeds Goes to town*, foram designados para interpretar os principais papéis do 63.º filme de Cecil B. de Mille, *The Plains Man*, segundo «Buffalo Bill».

UM NOVO FILME PORTUGUÊS ?

Segundo se diz, deve ficar resolvido, por estes dias, a próxima realização dum novo filme português, para o qual se trabalha activamente. Trata-se do «Sinal n.º 100», de António Leitão, que agora teria visto possibilidade de tornar realidade esse seu sonho, de longos anos.

Como muitas cenas só no verão poderão ser filmadas, a primeira volta de manivela — a removerem-se todos as abstruculas — seria dada ainda este mês.



Cary Grant e Jean Harlow numa cena de «Suzy», que se encontra ainda em realização



Domingos B. Poira, o principal intérprete, masculino de *A Canção da Terra*.

O Club dos Suicidas

A carreira do chefe

OS auxiliares absolutamente indispensáveis e com mais interesse para as grandes companhias cinematográficas de Hollywood são, sem dúvida, os acrobatas.

Existe um grupo de 13 — não parecem supersúperos — que executam todas as cenas perigosas e arriscadas que estão marcadas como devendo ser feitas pelos grandes actores.

O chefe dessa «troupe» é uma pessoa muito simpática, que só é conhecida pela sua alcunha: Nix Nervo; que significa «o homem sem nervos».

Para compreender bem esta alcunha é realmente indispensável vê-lo executar as acrobacias mais difíceis e mais perigosas que podemos imaginar, essas acrobacias que, vistas na tela, nos emocionam, mas vistas na realidade nos assombram. Pois muitas vezes é Nix Nervo que após ter terminado a cena que lhe mandam fazer nos vem falar com naturalidade e sangue-frio tão inconcebíveis que chocam profundamente essa espécie de êxtase em que nos encontramos.

Depois de executar uma «atração» como seja o choque de aviões em pleno vôo, Nix Nervo sai da carlinga espantada e depois de tirar as luvas a primeira preocupação é procurar a caneta e o recibo para o preencher, ali mesmo com o pé assente nos restos do aparelho. O ar natural com que encara todas estas situações em que joga a vida a troco de 200 dólares — quando são — justifica que lhe chamemos «o homem sem nervos».

Nix Nervo está especializado em quedas de aviões e assim como ele, todos os seus colaboradores têm, dentro da acrobacia, as suas especialidades.

Passemos em revista, um por um, os membros da «troupe».

O número 1 chama-se Dick Harrison, é exímio em desastres de automóvel...

O número 2 é Bert Garrish, prestidigitador e motociclista acrobático. O seu rival é o número 3 da «troupe», Scolty Cummins, que a maior parte das vezes é seu «parceiro» nas cenas de perseguição em moto...

Os números 4 e 5, Denny Cavanaughs e Sam Harman, são também especializados em acrobacias aéreas e em todas as «atrações» perigosas em veículos.

Leon Nelson é o número 6 que além de saltar descer encostas escarpadas em bicicleta e moto, salta com o seu automóvel fossos muito largos. Ultimamente apresentou-se também como conhecedor de «box» que pratica debaixo do aspecto passivo... e activo. «Encaixa» sócios com uma calma imperturbável.

Frank Turner, Georges Boyd e Phil White são os três auxiliares deste grupo e são igualmente especializados em todas as peripécias mais ou menos estranhas e complicadas e substituem qualquer «star» em qualquer cena que seja necessário.

Quanto às mulheres acrobatas de Hollywood, devo dizer-vos simplesmente que fazem exercícios que poucos serão os homens capazes de os repetir.

Uma delas Adèle Sandlair, é paracaidista exímia. É a mão direita de Nix Nervo — o chefe — ao qual ela incute como ninguém, o desprezo pelo perigo e o amor por esta profissão.

Ela teima em recusar os frequentes contratos que lhe apresentam para se exibir nas mais distantes regiões do mundo, pois não abandona a sua «troupe» porque existe entre os componentes a maior solidariedade.

— «Se os abandonasse quebrava-se o encanto» tem dito ela, muitas vezes, aos jornalistas.

A palavra encanto é referente ao número dos componentes: 13.

Estão todos plenamente convencidos que enquanto forem 13 nada lhes sucederá. Esta crença é, por assim dizer, uma superstição ao contrário.

As outras três mulheres chamam-se Joan Eggers, Denise Richardson e Lann Gibbs.

O número 13 da «troupe» é o próprio chefe. A carreira deste homem calvo, de olhos penetrantes, com ar de não te toques mas que sabe mostrar nos exercícios que executa uma intrepidez admirável, é extremamente curiosa.

Mix Nervo chamou sobre si as atenções, tinha 21 anos, quando entrou no «Mistério do Milhão de Dólares» em que arriscava a vida vinte vezes. Abandonava a moto para saltar para um cavalo a galope; do alto duma ponte atirava-se para o «fourgon» dum comboio que passa a 60 à hora; deste salto novamente para escorregar num declive perigosíssimo que vai terminar numa calarata.

De tantas vezes brincar com a morte, Mix Nervo, já esteve a morrer. Quando ganhava uma cena para «Double Crossed» em que havia uma perseguição de automóveis, foi cuspidos ao aravessar uma ponte e caiu desastrosamente no rio que passava bastantes metros abaixo. Foi na guerra que Nix Nervo se habituou a desatirar a morte e foi na guerra que pela primeira vez lhe chamaram «o homem sem nervos», devido à sua calma e aos actos de heroísmo que praticava enfrentando estupidamente as balas. Depois disto todos o conhecem pela alcunha e juro até que se alguém o chamasse pelo seu nome o pseudo — «Nix Nervo» não responderia.

Quanto ganham os acrobatas

Aqueles que não fudam de perto com os artistas de Hollywood juram que os «doubles» são largamente pagos. Não é assim.

O acrobata que num filme faz a cena em que chocam automóveis recebe quasi 2.500 escudos; se no carro leva uma passageira que ele salva pondo em risco a sua própria vida recebe mais 25 %. Se com o choque o carro cai num precipício recebe a volta de seis a oito mil escudos. Por saltar um fosso com o automóvel costumam pagar 12 a 15 mil escudos. Ao passo que a queda dum cavalo é paga por 100 escudos e um lançamento com pára-quedas é pago por 800 ou 1.000 escudos.

Adèle Sandlair explica a razão porque vive da acrobacia sendo esta tão mal remunerada.

«O prazer que possuo em saber que a emoção que sinto quando pratico um exercício vai ser sentida por milhares e milhares de pessoas é extraordinário. Além disto o saber que com o meu trabalho vou fazer que pessoas de todas as raças sintam emoções novas é de certa maneira compensadora».

Um espectáculo de oito dias

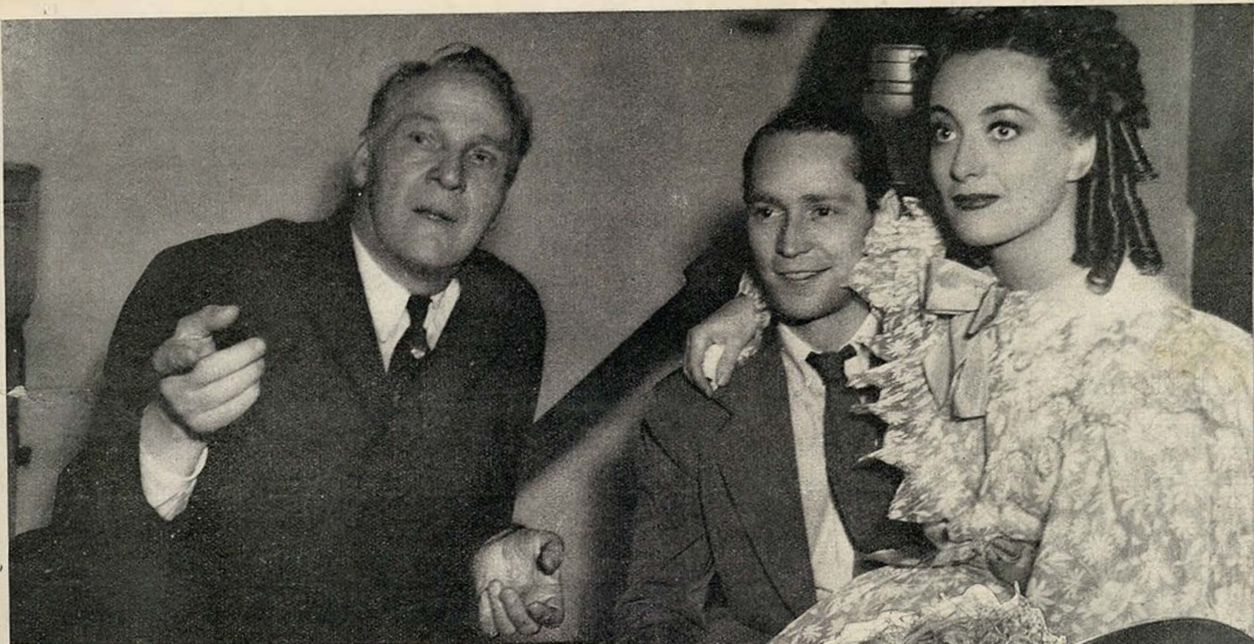
Para convencer os espectadores, sempre prontos a ver truques em todas as cenas verídicas que sejam perigosas e emocionantes, os acrobatas americanos de filmes resolveram realizar um espectáculo permanente e monstro que durará oito dias e durante os quais os acrobatas da «troupe» executarão alternadamente as atrações que constituem as suas respectivas especialidades.

Os amadores de emoções fortes têm ocasião de assistir aos mais fantásticos exercícios.

O entusiasmo com este espectáculo está despertando na América a tão grande que Nix Nervo e os seus companheiros esperam receber uma boa maquia e além disso endireitar as suas finanças que se encontram bastante... desafinadas.

Embora o resultados financeiros não venham a ser tão bons como esperam os acrobatas podem ficar certos duma coisa: perante o público, o seu prestígio aumentará, pois para o futuro, já não desconfiam tanto das cenas arriscadas que aparecem nos filmes e aumentando o prestígio entre o público aumenta o valor junto do empresário.

R. S.



Minha mulher Joan...

Por FRANCHOT TONE

CASAMOS há pouco. No entanto, não têm conta já as vezes que me tenho pronunciado, quer pela palavras, quer pela pena, sobre Joan Crawford, minha mulher, uma rapariga inforável, na tela e na vida real!

Toda a gente me pergunta se vivemos felizes, «se ela não tem um feitiço difícil de aturar», «se não é voluntariosa e animada», «se não tem caprichos infantis», etc., etc. Este artigo destina-se, em parte, a fazer um pouco de luz, sobre a sua inconfundível personalidade.

* * *

Ha um erro fundamental, genérico e vulgarizado, na apreciação das vedetas pelos seus admiradores. Em regra, julgam-nas, na realidade, tal como a tela no-las mostra. Não admitem Marlene sem olhos vampírescos; não creem em Mae West sem os fatos à 1900; não acreditam em Fred Astaire sem andar a dançar pelas ruas... Pelo mesmo motivo, vêem sempre Joan Crawford, como a impetuosa rapariga de «Quero Viver a Vida»; como a inconsequente Mary de «Os noivos de Mary»; como a milionária-caprichosa e animada, de quasi todos os seus filmes...

Ora Joan é tudo — excepto aquela doidivanas — século XX que todos conhecem!

Tem, no seu activo, uma vida intensa de trabalho. Contam-se, às dezenas, os filmes que interpretou. Foi bailarina em Broadway. Foi figurante em muitos filmes. Dançou o «charleston», ante a câmara, em muitas cenas de cabarés. Só mais tarde, muito tarde, se conseguiu impôr, pelo seu próprio esforço, pelas suas qualidades.

Ha mil e um caminhos de se chegar a estrela, em Hollywood. O mais seguro é o casamento — ou algo semelhante... — com uma vedeta celebre, ou melhor, com um produtor de fama. Joan nunca quis adoptar este processo. E isso

mio o inibiu de alcançar as culminâncias da Arte.

Afirma-se — e já tenho visto reproduzido em letra de fôrma — que Joan não gosta que lhe recordem os seus inícios no Cinema. É falso. Com frequência, como um honroso liluto de glória — ela invoca a miúdo, e muitas vezes como incitamento, aos outros, as horas difíceis dos seus primeiros passos na Cinelândia.

A sua carreira, as horas amargas dos primeiros tempos, as incertezas da luta, antes de se impôr — fizeram dela, ao contrario do que muitos supõem, uma rapariga ajaizada, que tem da vida uma noção clara, e do peso das suas responsabilidades, uma ideia concreta.

Assim, Joan não é a doidivanas dos seus filmes, mas uma mulher adorável, que sabe aconselhar, e que possui, num grau apreciável, esta qualidade tão rara e tão pouco americana que se chama bom senso.

* * *

Quando casámos fizemos um pacto de «não agressão», no que toca à nossa vida profissional. Isto é: continuaríamos como até aí, independentes, sem fazer imposições, susceptíveis de prejudicar as duas carreiras, mutuamente.

Esta «cláusula» do nosso regime de viver — tem sido invulgarmente benéfica. Continuamos como até aqui a decidir sobre contratos, sem nos prendermos mutuamente, aos contratos respectivos. Desla forma, evitamos o maior perigo que sobreveio do casamento de dois artistas: o prejuizo mútuo das carreiras. No mundo do cinema, eu continuarei a ser simplesmente o Franchot Tone, e Joan a popularissima Joan Crawford. Na vida real, é que somos marido e mulher, radiantes e felizes.

* * *

Depois de tudo isto que deixo dito,



não duvidam que seja fácil bem viver com Joan. E espero que acreditem também que os «bibelots» da nossa casa estejam intactos...

apreciação do conjunto, tão pequenos são!

FRANCHOT TONE

Legenda das fotos: Ao alto: Franchot e Joan recebem a visita do célebre cantor Pedro Chappin, durante as filmagens de «Gorgeous Hussy», que Joan interpretou. Em baixo: a vedeta, tal como nos aparece nesse filme.

O QUE PENSA SOBRE O

CINEMA NACIONAL?

O CINEMA NACIONAL! TEMA INESGOTÁVEL E DE SUPERIOR INTERESSE! QUAIS SÃO AS SUAS NECESSIDADES MAIS INSTANTES? QUAIS AS DIRECTRIZES QUE DEVE SEGUIR? O QUE É PRECISO FAZER, PARA SE TORNAR NA REALIDADE MAGNIFICA QUE TODOS DESEJAMOS? OUÇAMOS AQUELES QUE, CONHECENDO O PROBLEMA, MENOS VEZES, PUBLICAMENTE, SOBRE ELE, SE TÊM PRONUNCIADO. E COMECEMOS POR

MOTA DA COSTA

Mota da Costa faz parte da pequena pleiade dos novos valores da cinematografia nacional. Há já algum tempo afastou-se do jornalismo — onde em artigos vigorosos e críticas repletas de observação e de verdade, marcou uma brilhante posição — para se dedicar ao cinema. A arte das imagens tem, em Mota da Costa, um trabalhador culto e activo.

Como constasse que Mota da Costa havia sido nomeado assistente geral da «Canção da Terra», tivemos interesse em ouvir os seus planos, e, para isso, o procurámos. Mota da Costa, em conversa muito íntima, disse-nos que não tinha aceite o cargo para que fora convidado, visto ter entre mãos a montagem e sonorização de filmes que realizou nos Açores e Madeira, e não lhe ser possível, por causa do seu trabalho, ausentar-se, presentemente, da metrópole.

Estaria, portanto, terminado o nosso encargo se a conversa que tivemos com o talentoso cineasta não se tivesse generalizado em entrevista, dado o valor e o interesse das suas declarações.

Acérrico do momento actual do cinema português, Mota da Costa, acha interessante a agitação do nosso meio, pelo que representa de luta contra a inércia e a apatia, mas considera detestável o facto de ainda hoje, em 1936, se não cuidar a sério na organização e fomento da indústria cinematográfica. A seu ver, é um erro sem perdão.

Depois duma resposta tão sensata, arris-cámos nova pergunta:

— Não temos condições suficientes para realizar filmes a sério?

A resposta não se fez esperar.

— Temos tantas condições para fazer filmes a sério como qualquer outro povo. Demais, a nós, portugueses, não falta iniciativa, espírito de adaptação, e até certa — mas muito especial — visão cinematográfica, que há-de constituir o nosso estilo. Todas essas qualidades andam embrulhadas, concordo, mas demos tempo ao tempo. Por enquanto, essencial é não entravar a marcha dos precursores, esses eternos sacrificados.

Para se fazer filmes a sério (filmes nascidos numa indústria organizada e séria, não é assim?), torna-se necessário bom senso e boa ordem dos trabalhos preliminares.

Depois duma curta pausa, continua, com entusiasmo:

— Para fazermos cinema a sério, precisamos de seguir o conselho dado por Gordon Craig, a um empresário francês: fechar as portas e preparar pessoal, actores e maqui-nistas, figurentes e técnicos, aliás continuaremos a produzir obras talvez comerciais, mas artisticamente medíocres.

«É a organização industrial, aliada à afinação do pessoal, que permite o aparecimento dum Charrel, que, apenas com dezoito anos, e nunca tendo feito cinema, realiza essa obra prima intitulada «Congresso que Dança». Em Portugal, com a nossa desorganização industrial e a insuficiência de meios de trabalho, Charrel seria um talento esquecido, talvez

de ânimo leve, mas parece-me que, adaptando o decreto-lei de Itália e o decreto-lei de Espanha, que impulsionaram a produção filímica daqueles países, lhe poderei responder. Assim: obrigatoriedade dos cinemas exibirem filmes de entrecho nacionais numa proporção a estudar sobre o total de produções estrangeiras, normalmente apresentadas; serem considerados filmes portugueses só aqueles em que não interviesse pessoal, capital, estúdios ou laboratórios estrangeiros; obrigatoriedade da dobragem, fazendo incidir nos filmes dobrados, uma taxa elevada (25.000 liras paga a Itália por cada um); isenção de pagamento dessa taxa a todo o produtor de dobragens que produzisse por cada três dobragens (é um exemplo) um filme português, etc., etc., de forma a desviar todos os esforços e todos os capitais para a indústria de produção. Isto que lhe estou a dizer não tem carácter definitivo, entendendo-se. Em primeiro lugar, não sou legislador, e em segundo, apanhado de surpresa, não me encontro devidamente documentado.

A entrevista vai-se encaminhando para o assunto das velhas polémicas cinematográficas. Acérrica da criação duma cadeira de cinematografia no Conservatório Nacional, onde, de futuro, se pudessem recrutar intérpretes para filmes, diz-nos Mota da Costa:

— Pessoalmente, não me interessa abordar esse problema, como não gosto de discutir se os actores de cinema devem ser escolhidos no teatro ou fora dele. Não perco tempo com isso, mas já que quero a minha opinião... Oiça: eu descreio dos Conservatórios e de todos esses cursos onde se ministra arte dramática aplicada ao cinema. B sabe porquê? Porque podem ensinar regras, mas não criam artistas. E quanto à fundação dessa cadeira no nosso Conservatório, permita-me uma pergunta: Quem a iria reger? Um português, decerto não, porque, por muito que neste país se saiba de cinema, ainda não passámos, infelizmente, de senhores apenas cheios de vontade e boas intenções... Nada, não pense nisso. Os artistas vão-se buscar onde os há: no palco, na rua, em casa... E o curso, quem o deve ministrar, é o próprio realizador — praticamente, nos ensaios, no estúdio, com tempo e vagar.

Achámos curioso saber a inteligente opinião de Mota da Costa sobre um possível intercâmbio cinematográfico. Eis a resposta:

— Intercâmbio cinematográfico? Essa pergunta faz-me lembrar que o cinema já foi uma arte internacional, e os intercâmbios eram naturais, inevitáveis, espontâneos... A sombra de Babel restringiu e prejudicou muito o cinema-arte e até o cinema-comércio. Sim; acho utilíssimo esses intercâmbios, para amor-

tização do custo das produções, e para satisfação duma necessidade cultural cada vez mais imperiosa, mais racional, mais humana. E o cinema português precisa de tomar muito cuidado com o que diz e faz, porque se arrisca a cancelar, com as suas próprias mãos, certo mercado que lhe é — todos o sabem — quasi essencial.

Mota da Costa, incansável técnico cinematográfico, e dirigente de alguns bons documentos que lhe asseguram um futuro propício entre os realizadores de cinema, conhece bem a arcaica questão dos cem metros. Para ouvirmos o seu parecer acerca de alguns pontos debatidos ultimamente, perguntámos-lhe:

— Em que bases deveriam assentar as condições de compra, por parte de distribuidores e agências cinematográficas, de documentários nacionais?

A resposta não se faz esperar.

— Em que bases? Não sei, não é comigo. Já falou com os directores de produção? Não lhe respondo, por dois motivos: um, porque já não posso ouvir falar em documentários portugueses, que são as nossas pragas do Egipto; outro, porque não quero iniscurir-me em atribuições que me não competem. Assim como os directores de produção se não intrometem nas funções artísticas dos realizadores, acho que quem dirige filmes não deve, por princípio, intrometer-se nas funções daqueles. Demais, eles é que sabem o que interessa ao negócio: eu não.

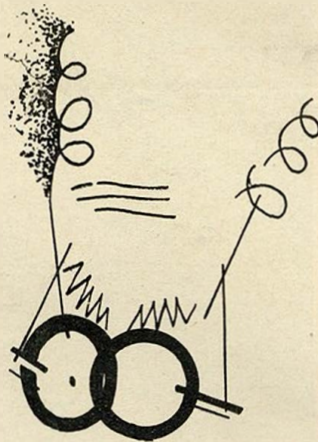
— No entanto, V., Mota, é contra os cem metros da lei.

— Sem dúvida. Os cem metros têm de ser mortos. Pela violência dum decreto, pelo bom senso da critica, ou pela reacção do público. Desenvolva-se a pequena produção, mas noutro sentido. Há os filmes culturais, há os filmes educativos — há um mundo de coisas a produzir, sem ser o documentário de 100 metros. E partamos do simples para o complexo. Sigamos o exemplo americano. Pois não vemos como eles preparam os seus actores e realizadores? Primeiro, filmes curtos: depois «cow-boys», por fim, filmes de fundo. E essa a directriz. King Vidor e Sternberg distinguiram-se a realizar películas de aventuras. Gary Cooper interpretou papéis de vaqueiro.

«Acho preferível esta directriz do que o recrutamento de pessoal estrangeiro. E, para tal, ca tenho as minhas razões. Isso, porém, como dizia Kipling, é outra história.

Era já um pouco tarde quando nos despedimos de Mota da Costa. Ambos nos havíamos esquecido das horas, dado o entusiasmo de conversa.

SANTOS MENDES.



MOTA DA COSTA

Visto por Frogo

até um péssimo autor de documentários de cem metros...

Gostámos da ironia mordaz do nosso entrevistado, e tomando, também, «calor» pela conversa, indagámos:

— Acha interessante a publicação dum decreto-lei que auxilie, na medida do possível, a cinematografia nacional?

— Acho até que o Governo já o devia ter estudado e publicado há muito tempo. E eu não podia muito; não podia nada, veja lá! Apenas uma penada: a obrigatoriedade de produção. E ser exigente?

A resposta não nos satisfaz em absoluto. Procurámos completá-la.

— Quais os pontos que esse decreto deveria focar?

— Isso não são coisas a que se responda

As alegres raparigas da Cinelândia! Aqui as têm, em ruidoso convívio, sobre as areias douradas de Palm Spring. Hinos ao Sol, à Natureza, ao Optimismo, às regras saudáveis de bem viver, elas são o «tit» inconfundível do Cinema Americano, a «característica n.º 1» das suas produções! Célebres? Ainda não. Decorem, entretanto, os seus nomes! São elas, a partir da esquerda: Bonnie Bannan, Doris Davenport, Julie Laird, Pauline Craig, Mónica Bannister e Dorothy Swan.



As ALEGRES RAPARIGAS DA CINELÂNDIA

DE longe em longe, as jornais anunciam que foi descoberto um pava que vivia ignorado nos confins do Sibéria, ou então que um barco avistou um ilha desconhecido.

É clássico desaparecer no dia seguinte o ilha enxergado entre vapores de álcool por algum capitão humorista disposto a gracejar com os geógrafos. Com o logorejo siberiano já não sucede o mesmo, porque o fisco jámois o perderá de visto...

Pois quê? Há gente que vive ainda em plena liberdade, sem impostos nem leis de trânsito? E uma pontinho de inveja entra a ganhar as corações...

Mas à luz do bom-senso, perante os realidades pouca românticos mas muito positi-

vos, esses paraísos escondidos nos confins do munda apresentam-se menos tentadores.

Nem tudo serão rosas nas paragens paradisíacas do Pacífico... As ilhas das Américas ficam entre o céu e a terra, são jardins suspensos na nossa imaginação — vago aspiração da homem que, por singular atomismo, guardasse ainda dentro de si o recordação do Paraíso perdido...

Quem há que se não lembre ainda dessa obra tão cheia de poesia que se chama «Sombres Brancas»?

Ero-se levada pelo novidade da cinema

sonora, mas o sensação novo era ultrapassado pelo emoção causado por uma sucessão de formosíssimos quadros dos ilhas dos mares do Sul. O feiticeiro da Von Dyck embalava-nos com um melodioso motivo musical e ante as nossas alhas perpassa o friso das nativas esbeltas, despretenciosamente envoltas em panos com ramagens e adornadas de flores silvestres.

Ero, em suma, um hino ao homem primitivo, vivendo no seio da natureza-mãe, alimentando-se de frutos e de peixe, bebendo a água pura das fontes, e sem necessitar de médicos ou dentistas.

Depois surgiam as «sombres brancas» traficantes de baixos instintos, e a civilização, representada pelo gramofone, pelo

entre o



e a terra



jogo e por caixas de cerveja, entrava perversamente o corromper os usos e costumes da gente boa e ingênua do ilha.

Obra de poeta mais vale apreciá-lo e senti-lo do que discuti-lo.

E de tudo nos ficou o encanto da beleza das ilhas dos mares do Sul, onde os serעים contam e dançam à luz do dia...

Nos águas da Von Dick navegaram depois outras realizadores. O cinema não podia desperdiçar um motivo tão cheio de exatismo e particularmente fotogénico.

O acolhimento francamente favorável dispensado pela pública era, por outro lado,

um qualificada incentivo. E assim surgiu o «Pagão».

Enunciar este título simplesmente, talvez não seja suficiente para despertar reminiscências. É preciso provavelmente acrescentar que o Pagão era incarnado na figura dançadora do Raman Navarro que, em traje indígena, lembrava um Weissmuller em «biscuit»...

Que o assunto está longe de se considerar esgotado, prova-a bem pelas gravuras que ilustram esta página.

A encantadora rapariga que nos sorri ocalhedoramente chama-se Lotus Long; pelo menos é esta a sua graça para o grondo público. Junto dos seus, terá um arrevezado nome, pouco comercial mas mais saboroso.

Vê-lo-emos no «Último Pagão», do Metro.

Dizem-nos maravilhas desta outra rapariga que aparece aqui ao lado do Clark Gable, no «Revolto o bordo», filme de que já falamos circunstanciadamente.

Vê-lo-emos no «Último Pagão».

A sua «descoberta» proporciona-nos o prazer de o conhecer e de, por ela, ficarmos a fazer uma ideia do mulher que habito aquelas paragens. Afara o indumentário, iam os apostar que se parecerá extraordinariamente com os outros...

Resta-nos saber se o malefício das «sombres brancas» não lhe será fatal. E se passar de estrela do mar para estrela de estúdio não será descer de graduação...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



DAVID Copperfield que, segundo rezam as críticas estrangeiras, é um filme de grande categoria, não foi ainda estreado em Portugal. Todavia o nosso público já conhece de Ana Karenine, onde tinha um papel de mérito, o novel actor Freddie Bartholomew. E, apesar dum só filme, ser insuficiente para ajuizar do valor e das possibilidades de qualquer artista, a verdade é que, à volta de Freddie, se criou, incontestavelmente, uma atmosfera de simpatia, a qual, pela certa, vai ser confirmada e aumentada quando da exibição, entre nós, de David Copperfield, obra de Georges Cukor, o realizador de Quatro Irmãos, e inspirada no romance de Dickens.

Nada mais justo do que uma atmosfera de simpatia para Freddie Bartholomew pois, realmente, ele é um dos casos verdadeiramente excepcionais de temperamento artístico, de personalidade criadora e de sensibilidade interpretativa.

O simples facto de ser uma criança simpática e afectiva seria, talvez, suficiente para, em maior ou menor grau, ser estimado e acolhido. Acresce, porém, que Freddie, acima de tudo, vai ser admirado.

Não estamos na presença de mais um «menino-prodígio», embora ele seja um actor precoce: não é uma criança boa imitadora que faz, como lhe ensinam e como a habilidade consente, uma série de gestos cujo verdadeiro e sensível significado desconhece e que, maquinamente executa. Freddie é uma criança excepcionalmente sensível, observadora e expressiva que, já consciente do valor da reprodução e da criação artística, vibra e cria interpretando, com personalidade, os papéis

que lhe distribuem. É, em suma, um verdadeiro actor, como, com a sua idade, Mozart já era um verdadeiro músico.

Vejamos, visto que a curiosidade nos pede, um pouco da sua biografia, naturalmente pouco extensa porque os anos são poucos, mas, no entanto, rica, mesmo sem aventuras fenomenais que não as há, na vida, calma e normal, desta criança.

Freddie Bartholomew nasceu no dia 8 de Fevereiro de 1924, em Harlesden, perto de Londres. O pai, Cecil Bartholomew, era funcionário civil do Império Britânico e Freddie não tem nos seus antepassados, pelo menos que conste, nenhum actor.

A partir dos 3 anos, foi criado e educado na casa de seus avós, em Warminster, na companhia destes e de Milicent Bartholomew, sua tia, verdadeira segunda mãe e orientadora de todos os estudos do nosso pequeno actor.

O papel de Milicent — familiarmente chamada «Cissy» — na vida de Fred é verdadeiramente notável e simbiótico. Dedicada, em extremo, ao sobrinho que viria crescer e educar, enlevada pela grata afeição da criança, é ela, com efeito, que, à custa de esforços tenazes e constantes, auxiliada por uma intuição superior das qualidades do sobrinho, lhe consegue abrir e, digamos mesmo, garantir a carreira cinematográfica.

«Cissy» viu, logo que as faculdades do garoto se começavam a desenvolver, a facilidade extraordinária que ele tinha na interpretação de pequenas poesias e, até, de passagens sabiamente escolhidas entre as obras de Shakespeare: viu onde estava o verdadeiro rumo a dar ao sobrinho: sentiu o que poderia resultar duma inclinação bem aproveitada e, embora arriscando um pouco, com inteligente confiança, dirige imediatamente os estudos da criança para a declamação e representação.

Em 1924 como agora, no nosso país como na Inglaterra, como, aliás, em todo o mundo, estudar para actor não oferecia, nem oferece, grandes facilidades de futuro risonho. Por estes motivos, «Cissy» não viu as suas resoluções bem acolhidas na família, mas, com uma esplêndida confiança e à custa de alguns esforços, insiste nas suas intenções, mostrando a todos e, especialmente, ao irmão, que aquela criança meiga, verdadeiro feixe de nervos, que na recitação de romances tristes chorava e soltava, fazia chorar e soltar,

como arrancava sorrisos nas poesias alegres — era, incontestavelmente, a massa dum grande actor.

Convenceu.

E, tendo recebido de Cecil Bartholomew licença para cuidar, à sua vontade, da educação do sobrinho, «miss» Milicent dedica-se inteiramente à realização do seu projecto, com grande prazer de Freddie que, sensível, nervoso e possuidor duma rica imaginação, se sentia entusiasmado com as ideias da «tia Cissy».

Debaixo da orientação desta, toma parte, no pequeno teatro de Warminster, em muitas representações. A cena torna-se-lhe familiar, pouco a pouco, sem custo, e adquire, assim, um absoluto à-vontade, qualidade indispensável para o seu triunfo.

Algumas representações, que depois faz em Londres, têm o mais completo sucesso, e provocam aplausos unânimes, insuficientes, porém, para os desejos da tia que, há muito tempo, olhava para o cinema com particular interesse.

A «pesca» dum contrato, através dos estúdios de Londres, para o pequeno Freddie, quando outras não houvesse, uma prova clara da grande dedicação da «tia Cissy» que, esforçadamente, perde muitas horas nos escritórios das firmas e em casa de todos os directores, abandonada apenas às suas possibilidades e confortada com a plena fé do êxito de seu sobrinho.

Finalmente, através de todas as contrariedades, a pertinácia de «Cissy» arranca um contrato e, ao lado de Madeleine Carrol, na película Fascinação, o pequeno Freddie Bartholomew inicia a sua carreira de actor cinematográfico. Mas foi sol de pouca dura.

A pesar dos elogios, sinceramente entusiásticos, de Miles Mander, que fora seu director, os estúdios londrinos não lhe deram novo contrato.

À custa de trabalhos inauditos, «miss Cissy» consegue que o nome do sobrinho seja indicado para o papel duma das crianças da Cavallada. Surge, porém, uma complicação com a lei inglesa — que, especialmente no capítulo de trabalho de crianças, é rigorosíssima — e a oportunidade perde-se inglôriamente.

Italia Conti, directora duma escola de arte dramática para crianças, em Londres, interessada vivamente pelo talento do garoto, não só lhe dá preciosos ensinamentos como também se torna o

(Conclui na pag. 14)





Fujo do público para não o aborrecer

KATHARINE Hepburn mantém-se tão esfingica como Greta Garbo, tão avessa a entrevistas como Marlene.

Entretanto, espiciada pela curiosidade do público, que exigia imperiosamente a explicação da sua conduta — trata-se duma atitude preconcebida ou de uma mania de ser? — Katharine Hepburn consentiu, finalmente, em revelar as directrizes da sua vida e que ditam a sua conduta.

Os actores fazem parte dum mundo tão especial! Por muito estranho que pareça, o seu talento pode ter-se «dirigido» quase exclusivamente para o Cinema, e por isso não podemos pretender que um artista tenha «um talento enciclopédico». Isto quer dizer que em sempre ganham em se imiscuirem com o público, porque nem sempre têm declarações sensacionais a fazer aos cronistas... E o pior é que, quando as não fazem, quando não emitem conceitos originais e superiores, desiludem o público.

Quanto a mim, tenho tanto medo de aborrecer os meus interlocutores que, ao decorrer da minha carreira, evitei tanto quanto possível falar, fosse a quem fosse, salvo aos meus amigos.

Para nós, que vivemos para o Teatro e para o Cinema, a preocupação constante é dedicar todo o nosso ser, toda a nossa inteligência, ao nosso trabalho. Impossível, pois, esquecer-lo um só instante. Assim, na maioria dos casos — não nego excepções dignas de nota — somos tendência sempre a dar, de nós próprios, uma impressão deformada, dando falamos com pessoas que não o do «médico».

As impressões que deixamos enfiar pois deste defeito. Esperam de nós declarações importantes, elevadas com interesse, e, se falhamos, falseamos a nossa própria pessoa. E as pessoas que nos viram «em carne e osso», «irão», quando nos observarem na tela: — Conheço-a!... Já a vi ao pé de mim... Não a acho grande coisa.

Ou então:

— Aquela?! Encontrei-a uma vez! Oh! lha, não calculas a decepção...

Quantas e quantas vezes se ouvem opiniões semelhantes sobre os artistas. Não quero que a verdadeira Katharine Hepburn apareça na tela. Tenho feito o possível para conseguir. Num dos meus últimos filmes, *Sylvia Scarlett*, fizto-me de todas aquelas personagens que tenho vivido. Apareço com o cabelo cortado «à rapaz» e visto fatos de homem.

Durante alguns dias resolvi dispensar «batons» nos lábios. Um dos chefes que viu assim declarou-me:

— Estás horrenda, Katharine! Vai entrar a boca!

Não uso outra «maquillage». E quando pensei em abandoná-la foi para ver na rua deixavam de olhar para mim.



É que tenho a mania de andar vestida com trajos masculinos, e muitos julgavam estar na presença dum rapaz de tópicos pintados...

Foi esse mesmo desejo de me isolar, que me fez escolher a minha nova moradia. Uma das casas em que vivi estava «encantada». Havia lá fantasmas! Não se riam. Tinha um medo horrível!

Não creio em espectros, mas pressentia ruídos insólitos, passos «bafados» ao anoitecer... Estas «presenças» irritavam-me. Como sabem adoro a solidão.

Hoje, habito uma casa adorável. Pertenceu outrora ao grande realizador Fred Niblo (o que será feito dele, agora?) e contaram-me que ele adorava as salas, os caminhos sob os arvoredos, as flores, a fonte cantante, etc. Recordações — eis o que mais me encanta! Recordações — amigas verdadeiras, que não importunam! E por isso que gosto tanto dos automóveis velhos, e é por isso também que não abandono o meu velho «Ford».

Mas voltando ao horror que tenho em conceder entrevistas e falar em público, quero dizer que só me ouvem conversar, no intervalo dos filmes. No período de filmagens, tenho medo de falar. Para conceder uma entrevista, preciso da mesma energia que para interpretar um papel. Daqui se conclui que se fujo das entrevistas, não é porque as desdenho, mas, antes pelo contrário, porque lhe dou uma extraordinária.

Além disso, se evito os admiradores, a chegada numa «gare» ou num aeroporto, é porque não gosto de me apresentar num quadro, que não diz bem com a minha maneira de ser. Ficariam desiludidos, talvez, se me vissem ao pé.

* * *

A solidão não é fácil de obter. É perigosa, além de tudo. Provoca uma crítica demolidora. Tomem, por exemplo, o caso de Greta Garbo. Pergunto muitas vezes se, parte do seu encanto não é filho do isolamento a que se votou.

Mas também tem os seus aspectos desagradáveis.

Fala-se muito no facto de ela ter recusado um autógrafo a uma criança, que lho pediu em Nova York. Os jornais passaram por alto, sobre o incidente. Mas encarem o caso, sob outro aspecto: já pensavam no desgosto que Garbo teria experimentado em não aceder ao pedido do rapazinho, só para não se afastar da linha de conduta que a si própria impôs?

Enfim, espero que este pequeno ensaio vos ajude a compreender, a interpretar melhor, certos actos das vedetas.

Quanto a mim, tenho sido tão criticada e tão condenada, que já me habituei.

Mas gostava que se convencessem que esse fujo do público, é para não o aborrecer.



ACTRIZ DO ESTADO ALEMÃO



Käthe Dorsch

Como se sabe, Hitler resolveu distinguir os melhores artistas do cinema alemão, conferindo-lhes os títulos de actor e actriz do Estado Alemão. A escolha do primeiro recaiu em Emil Jannings, e o da segunda em Käthe Dorsch, cuja foto publicamos

CARTA DO PORTO

EXISTE nesta cidade uma agremiação, conhecida pelo nome de Liga de Profilaxia social, que, a despeito das boas intenções dos seus dirigentes, nem sempre tem seguido a norma mais consentânea com as determinações do bom senso.

Ultimamente, a propósito dos toiros de morte, como se não houvesse outros assuntos que devessem tomar a sua atenção, resolveu enviar uma representação às entidades superiores onde pretende englobar, nas suas discursivas razões, a possível influência dum problemático «mau cinema».

É claro que o público, cinéfilo ou não, que costuma frequentar os cinemas, viu, em surdina, da pobreza da argumentação do autor da representação, mas, não pôde deixar de reconhecer uma certa dose de maledicência numa classificação que tem tanto de extemporânea como de errônea.

Ninguém, de boa fé, pôde deixar de reconhecer que não foi leal nem ingenuamente que se pretende misturar, confundir, assuntos que não têm qualquer espécie de afinidade, que não possuem, nem de longe, os mais insignificantes pontos de contacto.

Se há quinze anos houvesse uma Liga de Profilaxia que pretendesse descobrir argumentos, para as suas investidas contra os hipotéticos moínhos do «mau cinema», era natural que ainda encontrasse meia dúzia de furiosos amadores do teatro que à falta de razões, concordassem com quaisquer disparates. Porém, hoje, que essa argumentação deixou de ser ingénua para ser simplesmente malévola, torna-se absolutamente ridícula a atitude desta Liga.

É que o espectador, o grande público, todo o público, reconheceu há muito as excelências e incomensuráveis qualidades e vantagens do cinema, sente a sua alta influência como manifestação estética e compreende o seu grande poder como veículo cultural.

De resto, ninguém reconhece aos dirigentes da Liga qualidades críticas nem possibilidades analíticas, ninguém pode atribuir-lhes competência para nos vir dizer, para nos poder demonstrar, onde acaba o bom teatro, nem onde principia o «mau cinema».

Se pretendem vir com exortações moralizadoras cairão profunda e imediatamente no ridículo, porque ninguém lhes aceitará, como tendo, ao menos, boa fé.

Veja a Liga, vejamos os seus dirigentes, quantos chefes de família, cuja respeitabilidade ninguém pode pôr em dúvida, frequentam assiduamente o cinema com suas esposas e filhas.

O «mau cinema»... Que infeliz hora aquela em que pretendiam, a propósito de toiros(!), promiscuar-se numa arte cujos méritos intrínsecos têm sido reconhecidos e exaltados pelas mais altas mentalidades de todo o mundo.

Melhor seria que em vez de se encafiarem nos seus consultórios, descobrindo mates de impossível extermínio, em vez de se revestirem dessa dura «palmeira» de pessimismo que patenteiam aos olhos de todos, melhor seria, que frequentassem assiduamente os cinemas, onde muito boas lições receberiam da vida, desta heterogênea e complexa vida que ainda não puderam ou não souberam viver.

Deixem, por agora, a arte com todos os seus altos e baixos, mas, procurem saber interpretá-la, procurem compreendê-la, com todos os seus benefícios e malefícios, e então, depois, venham dar-nos a sua opinião.

Hoje, não a aceitamos, não a admitimos, sequer.

Não está certo que se façam acusações, não é justo que se apresentem às entidades superiores insinuações sem base, e sem razão, sobretudo, porque os seus autores não têm, ao mesmo tempo para estudar, para compreender, para classificar os resultados práticos do cinema.

Basta vê-se o ridículo da estulta veleidade de se pretender com meia dúzia de palavras apresentar-se uma acusação que tem a contrária-la, em todo o mundo, milhares de órgãos da imprensa e as mais brilhantes penas, os mais fulgurantes talentos do universo.

O «mau cinema»... Que infeliz ideia teve a Liga de Profilaxia Social...

Não, senhores doutores, não sigam esse canininho.

O cinema nos diários

Os jornais do Porto, sobretudo os diários da manhã, nunca se preocuparam em prestar a devida atenção, a tributarem o necessário e justo carinho, ao cinema. Apenas nas estreias, e nomeadamente nas de maior vulto, publicam críticas que não são feitas por redactores especializados, mas, pelos críticos letrados que aglomeram as duas funções, com todas as suas conseqüentes desvantagens.

Quanto a noticiário, ao *compte-rendu* da grande vida cinematográfica internacional, alguns, de quando em vez, inserem pequenas notas, enquanto outros nem isso.

Não se compreende esta orientação quando se verifica que com outros assuntos, que não têm maior importância nem maior número de adeptos, todos os dias gastam colunas e colunas e muitas vezes uma página inteira, como acontece com o desporto.

Ora, se confrontarmos o número de pessoas que frequentam ao domingo os campos de foot-ball, e referirmos a esta modalidade desportiva por ser a que maior número de apaixonados conta, com o número de pessoas que semanalmente frequentam os cinemas, constatamos que o cinema tem uma população maior.

Se pretendemos verificar qual das duas modalidades dá mais interesse material às empresas jornalísticas, basta ver-se a disparidade que há entre a grande quantidade de publicidade dos cinemas e a ínfima porção da do desporto.

Tudo parece, portanto, indicar que, dada a grande publicidade que os cinemas dão a todos os jornais e em face do quantitativo da população que frequentam os mesmos, os diários dedicassem algum espaço aos assuntos cinematográficos, senão como retribuição do muito que eles lhes dão, pelo menos para seguir as tendências duma avultada percentagem dos seus leitores.

Em todo o mundo, os jornais do novo e do velho continente, publicam, quotidianamente, completas secções de cine-

ma, mesmo páginas totalmente dedicadas à sétima arte, aos seus múltiplos e variados problemas.

Não se compreende, pois, que nesta cidade os diários não sigam a mesma orientação dos grandes periódicos estrangeiros. Seria mais uma nota de modernismo, seria mais um apontamento de interesse, constituiriam essas secções mais um reflexo da vida contemporânea desta vida a que os jornais não podem fugir, se querem interessar a toda a gente — dada a enorme legião de cinéfilos que esta cidade presentemente conta.

A comunicabilidade do riso

Nunca é demais focar-se, analisar-se, estudar-se, a influência do cinema no espírito dos seus frequentadores. Análise complexa, demonstra nas suas variadas facetas a forma como o cinema domina, subjuga, o público, e a saúde moral de que, às vezes, o impregna.

Exibe-se, esta semana, no Trindade, o filme «Cavaleiros de capa e espada» que mantém o espectador, todo o público, num perene ambiente de hilaridade, dando-lhe uma salutar dose de optimismo, muito para ponderar numa época de contínua preocupação para todos os espíritos.

Escrevemos alguns que o cinema cómico tem uma função altamente utilitária para os nervos, para a excitação nervosa em que toda a gente, ultimamente, tem de viver.

Dois pessoas que, presas numa mórbida disposição de espírito, estavam condenadas a passar uma noite em plena exasperação nervosa, tendo visto este filme alegre, despretenhoso, altamente optimista, acabaram por curarem rápida e facilmente o seu mal-estar.

Poderia o filme não exercer uma influência directa na exaltação doentia desses espectadores, mas o efeito foi conseguido, foi praticamente completado pela comunicabilidade da boa disposição do resto da plateia.

Quem é que, estando sob uma pressão de tristeza ou nervosismo, possa fugir à influência do gargalhar cristalino dum criança? Quem é que, vivendo um momento de irritação nervosa resista ao ambiente dum plateia bem disposta que vê uma película alegre?

A receita é barata.

Experimente o leitor macambúzio assistir à exibição de um filme cómico, experimente olhar o rosto de centenas de pessoas que riem a bom rir e verá que o seu espírito recebe um salutar banho de claridade que lhe dissipa muitas torturas, que lhe dá uma excelente disposição.

Anda aí muita gente a procurar curar a neurastenia com processos complicados e, geralmente, caros, quando tem no cinema alegre o melhor, o mais eficaz dos remédios.

Não pretendemos fazer concorrência aos médicos, nós que tanto necessitamos da sua boa amizade e da sua ciência, mas, como o refeitório é fácil de aviar e de aplicar, recomendamos-lo, na certeza antecipada dum bom êxito, dum sucesso garantido.

Vá, acabemos com esta legião de gatos-pingados. Vamos ver os filmes alegres, sempre que apareçam, porque tristezas não pagam dívidas.

Alberto Armando Pereira

Acaba de regressar da sua viagem à Europa central o nosso amigo e distinto camarada Alberto Armando Pereira, activo gerente da Aliança Filmes, desta cidade, e secretário das empresas dos cinemas Trindade, Olímpia, Batalha e Carlos Alberto.

Armando Pereira que visitou os principais centros cinematográficos de Paris, Berlim e Viena, não só vem organizando os programas que aqueles cinemas estreiarão na próxima época de inverno, como tem quasi concluída a escolha de filmes que a R. K. O.-Rádio apresentará em Portugal e de que a Aliança Filmes é representante no nosso país.

CARLOS MOREIRA

Prossegue o nosso inquérito.

O entusiasmo que caracterizou no seu início mantém-se. No entanto, por vezes, as dificuldades obstruem-nos o caminho e só a custa de muita tenacidade logramos alcançar o que desejamos.

Dum modo geral as notabilidades da cena portuguesa já deram a sua opinião. Faltam, porém, alguns nomes de valor cujos depoimentos não podemos dispensar.

E, assim, procuraremos, ainda, recolher as respostas de, Amélia Rey Colaço, Alves da Cunha, Lucília Simões, Gambôa, Mirila Casimiro, e outros de idêntica valia.

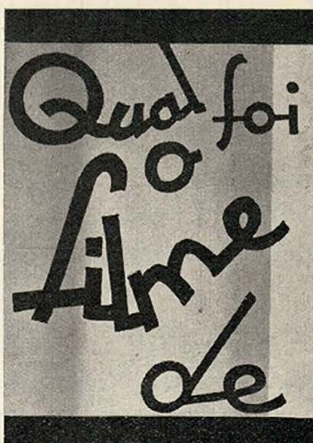
Alguns há que têm debandado para fora de Lisboa, em gozo de férias, e que, dado esse motivo, não podemos interrogar. Todavia, se os artistas que se encontram retirados da actividade quizerem ter a gentileza de nos enviarem por escrito as suas opiniões sobre os tres melhores filmes da época e os seus três artistas preferidos, «Cine-Jornal» com prazer registará os seus depoimentos.

Georgina Cordeiro

Foi numa destas tardes de calor, em que o sol nos ameaça transformar em torresmos, que a encontramos. Tinha-nos resolvido fazer uma pequena digressão pela Costa do Sol.

E aguardávamos que o «civilizadíssimo» comboio eléctrico nos levasse até Santo Amaro, quando fomos surpreendidos pela aparição de Georgina Cordeiro.

Vinha negra, muito negra, denotando os efeitos do Iodo.



(Se o modelo está mal descrito, as leitoras que me perdoem).

E lá foi a Zéca ver o vestido das pregas e do tafetá.

Finalmente, quando já rogávamos pragas às pregas do vestido de tafetá, a Zéca Fernandes lembrou-se do cinema, e respondeu-nos, então:

Os filmes que mais me encantaram esta época, foram: *Parada Maravilhosa*, *Crime e Castigo* e *Koenigsmark*. Formidáveis!

— E os seus astros favoritos?

— Charles Boyer, Clive Brook e Clark Gable têm os meus votos.

Uma voz se ouviu de novo. Era a Rosa Maria.

— Ó Zéca olha esta casquinha, ornamentada de branco e... Fugimos do camarim, antes que também pedissem a nossa opinião sobre vestimentas femininas. E nós que fazemos um fato de ano a ano...

— Vi muito pouco cinema, mas vou dizer-lhe o que mais me agradou: Primeiramente a *Parada Maravilhosa*. Depois *As Viagens de Wimpole Street* e *As 4 Irmãs*.

— E as suas atrizes favoritas.

— A indiscutível Greta Garbo, dando lugares de honra a Joan Crawford e Marlène Dietrich.

E lá seguimos Chiado acima pensando no alvitre dum feriado nacional para comemorar o dia em que as raparigas portuguesas se disponham, em massa, a fazer ginástica e a aprender o «crawling»...

Alice Ogando

Se como prosadora e poetisa tem já a nossa admiração, como dramaturga e atriz teatral ganha os nossos aplausos.



Samwel Diniz

Conforme dizia o Fred Astaire, *O acaso é o nome que os doidos dão ao destino*. Para o Fred o acaso não existe, e para nós tanto nos dá que os acontecimentos se precipitem por obra do acaso como por força do destino. *O que tem de ser, tem muito força*, dizia um tio meu que morreu nos Estados Unidos e me fez seu herdeiro. Que querem? Tinha que ser...

Isto veio a propósito do nosso encontro com Samuel Diniz.

Faltava-nos a opinião dum actor do nosso Teatro, para este número.

Uma boa ocasião nunca se despreza. Em pleno Chiado inquirimos quais eram os filmes que mais o tinham suggestionado.

Basta ser uma mulher inteligente, que não receia preconceitos, holorentos e tolos, nem se intimida com o «Parce mal», para lhe rendermos tributo.

Num país muito lindo, rico em coloridos, repleto de pitoresco, mas onde a maioria das raparigas se aflije quando se vêem forçadas a raciocinar. Alice Ogando chega a ser revolucionária, não receando o palco, o jornalismo ou a literatura.

Sob o ponto de artista de cena, para quem foi reservado este inquérito — quisemos escutá-la.

Rapidamente nos esclarece:

Kermesse Heróica, *Quatro Irmãs* e *Noite de Pecado*, têm a sua preferência.

Dos actores escolhe George Bancroft, Frederick March e Pierre Richard Willm.

Maria Laura

Foi com satisfação que visitámos a pequenina Maria Laura, e menina que ridada dos rapazes de há 10 anos que a iam aplaudir ao saudoso Foz. Embora nesse tempo distante, nos interessássemos mais pelo Polo ou pelo Duncan com a sua Edith Johnson, que deliciávamos a nossa garofice hélica, não esquecemos a figurinha de Maria Laura, cantando o *Tejo* a *Abóbora Menina* ou a *Flor de Malva*.

Bom tempo, em que não tínhamos aflições...

Maria Laura, continua pequenina, irradiando mocidade e cantando os seus tangos. E para cúmulo passou a ser cinefíla.

E, assim, os seus filmes escolhidos foram: *Sansão*, *Equipagem* e *Mayerling*. Quanto a astros prefere Harry Baur, Charles Boyer e Pierre Larquey.

E por hoje basta.

ANTÓNIO FEIO

Será desnecessário dizer que não perdemos o nosso tempo. Enquanto a caruagem deslizava vertiginosamente pelos «rails», fomos recolhendo a opinião de Georgina para o nosso inquérito.

Parada Maravilhosa, *Sequoia* e *As 4 Irmãs*, são os filmes que têm a sua preferência. Dos artistas, Clark Gable ganha «aos pontos» sobre outro qualquer. Mas Charles Boyer e Franchot Tone, não lhe ficam muito aquém.

E discutindo amigavelmente, chegámos à praia do nosso destino onde o mar nos fazia um ameno convite para nele mergulharmos.

Zéca Fernandes

Aqui o cenário é diferente. Deixámos de ouvir o marulhar das ondas, para nos prender os acordes duma me-

lodia oriental, em que os «gongs» sobressaem.

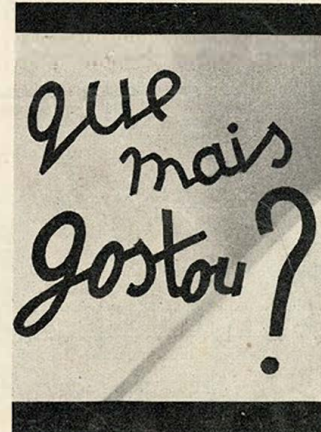
E como Zéca Fernandes, apenas vai para «Xangai» no 2.º acto, acompanhada pela insinuante Rosa Maria, aproveitamos a ocasião para satisfazer a nossa curiosidade.

Por muito que uma rapariga goste de cinema, existe uma coisa que consegue suplantar a arte cinematográfica. São os vestidos. E calculamos o que não será de tremendo interrogar-se uma rapariga sobre questões cinematográficas, quando a modista se encontra ao seu lado, munida dos mais atraentes figurinos.

— Que filmes preferiu, então?

Zéca Fernandes ia tentar responder-nos pela quarta vez, quando a Rosa Maria tirou a mão do canto:

— Ó menina, tu já viste este vestido com uns botõesinhos pintalagados, e uma guarnição de tafetá azul com umas pregas de veludo?



À Margem do Cinema

Em Portugal, onde, como aliás noutros países, se liga tanto a palavra «comércio» à palavra «cinema», quer-nos parecer que não seja má ideia filmar as grandes competições desportivas, aquelas que mais fazem vibrar a alma popular. Um encontro de «foot-balls», uma corrida ciclista, um jogo de «hockey», — que também já vai merecendo as melhores atenções do publico desportivo, — são curiosos motivos, que substituiriam, certamente, com vantagem, os cem metros fatais...

Um documentário que focasse a partida e o regresso dos concorrentes nacionais às Olimpíadas, não deveria ser acolhido pelo publico com indiferença.

E, como estes, muitos outros assuntos desportivos poderiam ser focados pelas «Câmaras» dos nossos operadores de actualidades. Porque não começamos?

BOA IDEIA

O «Pans», dizia, há dias, que, para evitar o abuso de estupefacientes que em todo o Brasil se está verificando, só há um remédio: — Convencer as meninas elegantes de que a cocaína e a morfina estão fora da moda...

Éis uma coisa que nos parece sensata. Porque há meninas que, se lhes disserem que é moda não comer, deixar-se-ão morrer de fome...

Em todo o caso, experimentem dizer às nossas cinefilas que é moda deixar de ir ao cinema...

COMO SERÁ ISSO?

Fala-se em abolir, em vários países, a indústria do fabrico de armas para particulares.

Como se arranjarão, depois, os «gangsters» do «écran»?

QUE SARILHO!

Uma revista estrangeira, pretende demonstrar-nos, num artigo largamente documentado fotograficamente, que os animais se beijam, e por vezes longamente!

Se tal se prova, não faltarão filmes com beijos cinematográficos dados pelos elefantes e pelos cangurus!

Um delírio!...

BOA RESPOSTA...

Um actor americano seguia, numa estrada, guiando, desastrosamente, um automóvel. Fraco motorista, não tendo, mesmo, obtido alçada a necessária «carta», isso não evitava que conduísse o carro em grande velocidade.

A certa altura, outro carro surgiu pela

frente, e deu-se o inevitável. Um choque, feridos, e um regimento de policia surgindo de todos os lados. E um deles, indignado porque verificara a falta de pericia do artista, gritou-lhe:

— Um homem como você, nunca deveria possuir «cartas»!

E logo o actor, por entre gemidos, respondeu:

— Mas quem lhe disse que eu a tinha?...

TEATRO E CINEMA

A parceria Alberto Barbosa-José Galhardo-Vasco Santana, detentora de grandes sucessos no nosso teatro musicado, está trabalhando no argumento para um filme cómico.

Atendendo às qualidades de trabalho e experiência, daqueles escritores, apaz-nos registar o facto, augurando que, no Cinema, consigam continuar a sua larga e já notável série de triunfos.

GENTE NOVA

No pequeno «écran» publicitário do cinema nacional, passa agora um novo nome: Elsa Rumiña. Brun do Canto está cumprindo a sua opalavra de só contratar para o seu filme gente alheia ao teatro.

Não vamos aqui discutir a razão que lhe assiste para tal. Mas parece-nos que a figura interessante da nova artista do cinema português, merece a distinção de que foi alvo, — entre tantas raparigas ávidas de fazer cinema.

E uma rapariga elegante, o que é muito, e culta, — o que, a-pesar das opiniões em contrário, nos não parece má qualidade.

Aguardemos, tranquilamente, o filme. Mas, não sabemos bem porquê, temos uma extraordinária fé no trabalho da nova artista, que Jorge Brun do Canto, possivelmente em boa hora, descobriu...

AS FOTOGÉNICAS DESCONHECIDAS

Não sei se vocês já repararam. Nas montanhas desses fotógrafos modernos, que chamam aos retratos «fotos-cinefilas», há rostos admiravelmente fotogénicos!

Há montanhas com tantas mulheres bonitas, que nós chegamos a parar, fazendo baixinho, em pensamento, um concurso instantâneo de beleza!

Evidentemente que «fotogenia» e «beleza» são coisas absolutamente diferentes. Mas, quer-nos parecer, que algumas vitrines de fotógrafos modernos, um observador interessado descobrirá, facilmente, de ambos os géneros...

Vocês reparem...

ANIBAL NAZARÉ.

Freddie Bartholomew

(Conclusão da pag. 10)

mais precioso auxiliar de «miss Cissy» na busca dum contrato.

Convencidas de que pela Europa já nada conseguiriam para o seu protegido as duas senhoras voltam-se para a América e indagam. Algum tempo decorrido, Itália Couli, por uma das suas magnificas relações, consegue saber que a «Metro» procurava, por toda a América, um jovem para o papel principal do romance de Dickens, «David Copperfield», que ia transportar para a «tela».

Tanto Itália Couli como a dedicada, tia Millicent, sabiam que nenhum concorrente batera Freddie.

Mas havia uma dificuldade maior!

É «Cissy» valendo-se de todos os amigos e conhecidos, verdadeiramente dedicada, quasi heróica, conseguiu resolver a arranjando dinheiro para a passagem.

Parlem de Londres, como se fôsem

para férias e entram em Hollywood apenas entregues à vontade da Tia «Cissy» que os dirigia e ao talento de Freddie que os inspirava. A primeira noticia que recebeu é de veras «animadora»: o personagem de David Copperfield já estava, em principio, escolhido.

Digam-me, porém, que dificuldades não venceria a tia «Cissy»?

Em menos de oito dias, a Metro fazia novo concurso, Freddie era escolhido e Georges Zukor, o realizador, deliberava com o novo intérprete que achava.

Acabando «David Copperfield» o trabalho do pequeno Bartholomew convenceu e a «Metro», antes que outras companhias se antepassem, apressou-se a tornar definitivo o contrato provisório que abria as portas de Hollywood ao pequeno Freddie Bartholomew.

FERNANDO GARCIA

„Uma Maquillage Exagerada é Péssima Para a Pele,,

— diz um Especialista

O Que É Preciso Fazer

Por mais surpreendente que isto possa parecer, a Ciência provou que uma «maquillage» praticada constantemente, durante alguns anos, marca no rosto os estigmas da idade. É procedimento pernicioso a beleza natural de um rosto de rapariga. Mas quando se restitui à pele muito simplesmente, um elemento vital e rejuvenescedor, chamado «Bio-cel», ela readquire rapidamente a sua cor clara, a frescura e a beleza.

Este precioso Bio-cel obtido de animais muito novos, segundo o processo especial do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, está agora contido no Creme Tokalon. Cor de Rosa. Aplicado à noite, antes do deitar, alimenta e rejuvenesce os tecidos, enrija



os músculos flácidos do rosto durante o sono. De manhã, V. Ex.ª aplica o Creme Tokalon. Cor Branca (não gorduroso). É branqueador, tónico e adstringente.

Desta forma, a pele «maquillée» mais feita e um rosto estragado, adorna-se com uma nova e surpreendente beleza.

Garantem-se óptimos resultados, porque, em caso contrário, reembolsamos o dinheiro.

A venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, pode escrever para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende o mais depressa possível.

O que ha no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer Gratuitamente

Não desejaria saber, sem que nada lhe custe, o que indicam as estrelas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade; o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de indiscutível interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA.



GRATUITAMENTE

A vossa leitura astrológica não constitui nada menos do que duas páginas de diálogos interessantes e convincentes, indubitavelmente, pelo grande Astrologo, nas predições do qual despertaram o interesse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso e a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sen. (sendo ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 28\$50 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 0330 R, Embassment 42, A Hay, Holmden, Selo para a Polónia: Esc. 1875.

Nota: O Prof. Roxroy é lido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Ele é o mais antigo e conhecido de todos os Astrologos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais ele pede uma remuneração, serem feitos sob dictado de satisfação completa um reembolso do dinheiro pago.



Uma epiderme de tonalidades ou de cor naturalmente idónea dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estragos pela exposição ao sol. Assim o ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cujo agrado e acção são tão potentes e que, dando à pele o cor bronzeado, exacto e natural, tal como os raios solares, o preserva simultaneamente do sol. O duplo valor deste produto é aumentado pela circunstância de não ser oleoso e permitir a «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se da epiderme, essa linda cor dourado e quente que o verão e a praia emprestam a cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida do Liberdade, 35 — LISBOA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Candelaria do Rio, 27
Telefone 2 1246 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Tav. da Candelaria do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

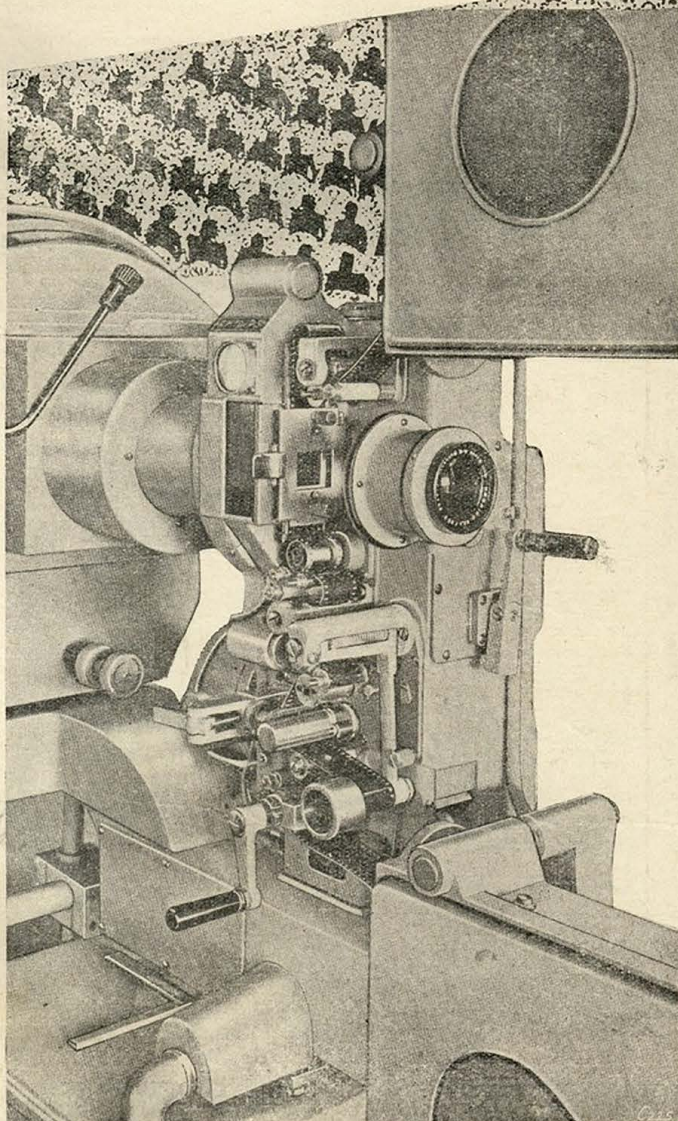
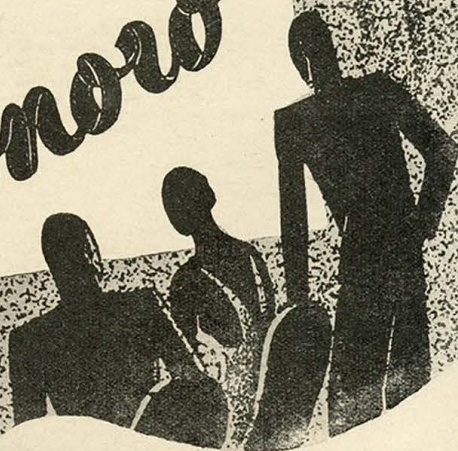
PORTUGAL

52 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$00
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	68\$00

Visado pela Censura

CINE-JORNAL

Philips Cinee Sonoro



Cinemas equipados em Portugal,
com Instalações

PHILISONOR

Coruche: Joaquim Aleixo de Carvalho.
Portalegre: Teatro Portalegrense.
Castelo Branco: Teatro Voz Preto.
Póvoa: Cinema Rivoli.
Fundão: Casino Fundonense.
Târras Novas: Teatro Virgínia.
Guarda: Sano tório Sousa Martins.
Setúbal: Casino Popular.
Reguengos de Monsaraz: Salão Liberdade.
Marinho Grande: Associação Humanitá-
rio dos Bombeiros Voluntários.
Abrantes: Eden Salão.
Almeirim: Associação Recreativa.
Setúbal: Associação dos Bombeiros Vo-
luntários.
Tavira: Espectáculo Tavirense.
Silves: Empresa Cinematográfica Sil-
vense.
Sines: Vasco da Gama.
Campo Maior: Soc. Comp. de Espectá-
culos.
Mouro: Esplanada da Assistência Na-
cional aos Tuberculosos.
Oliveira de Azeméis: Antero & Pinto.
Elvos: Cinema Central.

Vila Real de Santo António: Cine Par-
que S. José.
Olhão: Empresa do Teatro Apolo.
Ferreira do Alentejo: João Lopes Vi-
lhena.
Lisboa: Secretariado de Propaganda
Nacional.
Vila Viçosa: Municipal.
Nazaré: Cinema Nazaré.
Pombal: Ernesto Martins.
Famalicão: Teatro Olímpico.
Mantijo: Relógio, Ribeiro, Gil, L.^{da}.
Famalicão: M. Caetano do Silva.
Vizela: Alberto Pinto de Sousa e Castro.
Seixal: Angelo Rodrigues Valgodre.
Olhão: João Lopes Vilhena.
Évora: Cinema Central.
Mértola: Câmara Municipal.
Santiago de Cacém: Sociedade Hermá-
nico.
Lisboa: Alvaro Mendonça.
Lisboa: Cinemas Reunidas.
Bragança: Geraldo da Assunção.
S. Braz de Alportel: Parceria — Pinto
Ferreira & Pinto.

PEÇAM INFORMAÇÕES À

Sociedade Comercial Philips Portuguesa

Avenida da Liberdade, 3

LISBOA

Avenida dos Aliados, 151

PORTO

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 42 — 3 DE AGOSTO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA